

3. Cinema e literatura

“Se digo que a cidade para a qual tende a minha viagem é descontínua no espaço e no tempo, ora mais rala, ora mais densa, você não deve crer que pode parar de procurá-la.”

(Ítalo Calvino – *As cidades invisíveis*)

3.1 A cidade partida

A narrativa de Zuenir Ventura é quase que obrigatória para a discussão da violência na cidade do Rio de Janeiro, como problema a ser resolvido. O livro discute a questão a partir da ótica da favela como foco principal do conflito na cidade partida pelo *apartheid* social que a divide em favela e asfalto.

O livro *Cidade partida*, publicado em 1994, traça um panorama da cidade do Rio de Janeiro desde os tempos da Bossa Nova, nos tempos dourados da cidade dita maravilhosa. Para estudar a violência urbana, Ventura tem como ponto de partida a reforma de Pereira Passos, em 1904, para repensar a geografia urbana da cidade carioca, início de uma política de exclusão social, conhecido na época como o Rio do Bota-Abaixo¹.

Na reforma de Passos, cujo objetivo era modernizar a cidade e criar uma possível Paris nos trópicos, a população pobre foi expulsa do centro e obrigada a morar nos morros e subúrbios da cidade. O que culminou na criação da primeira favela carioca, a Providência, localizada no bairro do Santo Cristo e Gamboa, na zona portuária. Atualmente, o Rio tem mais de quinhentas favelas.

Na obra de Ventura, o ponto de partida para a discussão da violência na cidade do Rio de Janeiro é a chacina de Vigário Geral, que ocorreu em 29 de agosto de 1993, quando a favela foi invadida por um grupo de extermínio formado por mais de cinquenta homens encapuzados e armados, que arrombaram casas e executaram vinte e um moradores, tornando-se uma das maiores chacinas do Estado.

Segundo relatos, o massacre foi uma represália pela morte de quatro policiais militares, no dia 28 de agosto de 1993, atribuído a traficantes de Vigário

¹ In: REBELO, Marques. *O Rio de Janeiro do bota-abixo*. Rio de Janeiro: Salamadra, 1997.

Geral, apesar de nenhuma das vítimas ter envolvimento com o comércio ilegal de drogas.

Tendo a chacina de Vigário Geral como ponto de partida para a discussão sobre a violência na cidade do Rio de Janeiro, Zuenir Ventura passou dez meses nessa comunidade para fazer um trabalho de campo para a elaboração de seu livro. O autor transita na favela, acompanhado por Fabio Ferraz, sociólogo de um grupo de estudos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. A narrativa é basicamente sobre Vigário Geral. Assim, o universo da favela é mostrado através do cotidiano de seus moradores, inclusive o tráfico de drogas. Mergulhado em um universo muito diferente, a Zona Norte, o jornalista revela o outro lado da cidade partida

A publicação causou grande impacto em seu lançamento e pode ser vista como uma denúncia social, já que as causas da violência urbana ultrapassam as questões presentes na própria narrativa. A obra teve ampla aceitação por parte da crítica; diversos trabalhos foram publicados a partir de *Cidade partida*, tido como referência para os estudos de violência urbana. O livro também pode ser visto como um relato de cunho jornalístico e literário, uma alternativa diante da falta de espaço na imprensa escrita para aprofundar um determinado assunto. No relato apresentado temos fatos, histórias, biografias e temas que, com recursos literários, dão informações que impressionam pela vivacidade das descrições e pelo interesse humano das personagens/pessoas que intervêm na história.

Embora o livro trate apenas do outro lado da cidade, a Zona Norte, Zuenir Ventura traça o retrato da favela de Vigário Geral e vê a possibilidade de unificação das duas cidades partidas através de iniciativas como o Projeto Viva Rio, com o rompimento das barreiras sociais e culturais com a luta pela cidadania.

A cidade dividida de Zuenir Ventura aparece na divisão binária entre Zona Norte e a Zona Sul, tendo como estudo a favela de Vigário Geral, uma região paupérrima, dominada pelo tráfico de drogas, que exemplifica a urbe do outro lado de lá, a trinta minutos do centro do Rio de Janeiro, todavia essa divisão binária já não dá mais conta da realidade carioca. A *polis* partida hoje têm suas dimensões ampliadas e não pode mais ser dividida apenas entre Zona Norte e Zona Sul, pois esta divisão não dá mais conta da violência, que faz parte do cotidiano urbano, da geografia da metrópole, com suas quinhentas favelas espalhadas por toda parte.

O livro é também referência para uma enxurrada de produções cinematográficas que vão beber na fonte de pesquisa de Zuenir Ventura para falar sobre a violência, tendo a favela como foco principal. Num diálogo entre literatura e cinema, a influência de *Cidade partida* será explicitada no filme *Era uma vez...*, de 2008, de Breno Silveira, quando os personagens principais compartilham a leitura do livro, ao mesmo tempo em que representam a cidade partida na narrativa entre morro e asfalto. A divisão social como barreira impede o amor entre Dé e Nina.

Já em *Maré, nossa história de amor*, de 2007, de Lúcia Murat, a cidade está dividida entre Zona Sul e Zona Norte como em *Cidade partida*, embora revele apenas nuances do outro lado da cidade, a Zona Sul. O foco da narrativa é a divisão da própria favela, em lado B, lado A, em contraponto com a favela da Maré como um todo da cidade. A favela ganha *status* da totalidade da própria cidade.

Um ponto curioso do filme que merece ser destacado é a intertextualidade com *Cidade partida*, se pensarmos na temática da violência, tendo a favela como sua geradora. Em *Maré, nossa história de amor*, o universo da violência está dentro da favela, como acontece no relato de Zuenir Ventura.

A intertextualidade entre o livro e os filmes citados também é vista na releitura do drama de Shakespeare, *Romeu e Julieta*, que pode ser lido nessas produções cinematográficas como a atualização dessa história de amor no universo da favela, como já apontada por Zuenir Ventura: “Espera-se montar em breve uma ópera-funk, transportando a história de Romeu e Julieta para as favelas” (p. 271). E é exatamente isto o que Lúcia Murat vai fazer em seu filme musical, revisitando o drama dos jovens apaixonados da favela. Em *Era uma vez...*, como se fosse um conto de fadas, como o título sugere, sem final feliz, temos também o drama de Shakespeare ressemantizado tendo como pano de fundo a favela.

Cidade partida de Zuenir Ventura também dialoga com o filme *Cidade de Deus*, de 2002, de Fernando Meirelles e Kátia Lund, baseado no livro homônimo de Paulo Lins, que pode ser visto como o relato de um favelado, uma espécie de etnografia de quem nasceu e viveu na favela, mas quando escreve sobre a realidade da favela já tem o seu olhar modificado, alterado.

Já formado em Letras pela UFRJ, Paulo Lins escreve o livro por ocasião de sua experiência como assistente de pesquisa da professora de Antropologia Alba Zaluar, da UFRJ, o que modifica o relato do menino favelado na narrativa. A cidade no filme *Cidade de Deus* é partida pela própria totalidade que a favela ganha ao ser narrada separada, segregada, do restante da cidade do Rio de Janeiro. A outra parte da cidade não aparece no filme, assim como em *Cidade partida*, que trata apenas de Vigário Geral. E em *Última parada 174*, de 2008, de Bruno Barreto, baseado em fatos reais, conta a história de Sandro Nascimento, sequestrador do ônibus 174. O sequestro aconteceu em 2000, no Jardim Botânico, Zona Sul carioca.

O foco da narrativa não é mais a favela, mas o favelado. O caso de Sandro pode ser visto como a história de um favelado que vira menino de rua. A violência perpassa toda a vida do garoto e tem seu ápice no episódio do sequestro do ônibus 174. A violência anunciada em *Cidade partida* é ainda representada no filme de Bruno Barreto, apesar de mal explorada, no episódio da chacina da Candelária, também citado no relato de Zuenir Ventura. Enfim, a violência tematizada no relato de Ventura está presente no filme na explosão de uma violência sem precedentes e sem explicação numa cidade totalmente partida, personificada na própria história de Sandro.

3.2 A cidade partida na literatura e no cinema

Como já se afirmou, *Cidade partida* funciona como pano de fundo que impulsiona um debate sobre o tema da violência no Rio de Janeiro através da discussão do tema nos filmes *Cidade de Deus*, de Fernando Meireles e Kátia Lund (2002), *Era uma vez...*, de Breno Silveira (2008), *Maré, nossa história de amor*, de Lúcia Murat (2007) e *Última parada 174*, Bruno Barreto (2008). O universo da favela está presente em todas as narrativas cinematográficas, e o outro lado da cidade não aparece em nenhum dos filmes citados, como também em Zuenir Ventura, com a exceção de *Era uma vez...*. Nessa película, o asfalto dialoga com o morro através do caso de amor vivido pelos personagens principais da trama,

uma das propostas do próprio filme, mas é inviabilizada pela morte dos protagonistas.

Os filmes funcionam como exemplo da cidade partida em suas múltiplas regiões. Como em *Cidade de Deus*, que mostra a favela como síntese da violência urbana, num universo isolado, sem diálogo. Isso também acontece nas demais produções cinematográficas, como será demonstrado mais adiante. A favela como símbolo de violência urbana, isolada, com suas próprias leis, geralmente sob o domínio do tráfico de drogas.

Ao contrário da narrativa de Zuenir Ventura, o Rio de Janeiro está partido não somente entre Zona Norte e Zona Sul, mas em todos os espaços geográficos. A relação entre asfalto e favela revela uma realidade de conflito, e em algumas áreas a violência chega ao extremo, como as chacinas de Vigário Geral e da Candelária, entre tanta outras.

Cidade partida aponta à necessidade de se discutir a questão da violência urbana, e desde então se tornou tema exaustivamente estudado em diversas áreas e temática recorrente na literatura, televisão, teatro e cinema. A violência faz parte do cotidiano da população carioca, recorrente nos noticiários midiáticos e tema quase banalizado, mas que sempre causa muita discussão quando trazido para o debate, seja nas artes e na mídia.

Era uma vez... e *Maré, nossa história de amor*, têm a favela como cenário da violência. As duas produções apresentam a favela como referência para a questão da violência urbana, partindo da favela para o asfalto, como fica bastante claro no musical de Lúcia Murat, que reconta a história de amor de *Romeu e Julieta*, de Shakespeare, com uma boa dose de realismo e com os pés fincados na realidade de uma das comunidades mais pobres e carentes da cidade.

O filme conta a história de dois jovens, Analídia e Jonatha, que fazem parte do universo do tráfico de drogas, sem participar dele. Analídia é filha do chefe de um dos lados, que disputa o controle da favela com o irmão de Jonatha. Os dois jovens são separados pelas duas facções que dominam a comunidade e dividem o espaço, “lado B, lado A”, como a música de nome homônimo da banda O Rappa. Assim também é a comunidade da Maré, dividida pelas facções que impõem as regras de convivência sob o domínio do medo.

O hip hop “Lado b, lado a” dá nome ao 3º álbum da banda, “Lado b, lado a, duas faces de uma mesma realidade; dois mundos distintos e correlatos”,

lançado em 2001, que escancara ainda mais as diferenças políticas e sociais. O grupo grita as diferenças absurdas e busca suavizar a vida de quem tem pouca esperança em um futuro melhor. Do mesmo modo na letra da música “A minha alma” (A paz que eu não quero), expressa um diálogo entre a favela e o asfalto, a favela silenciada, sem voz, *versus* o asfalto com suas grades de proteção: “As grades de proteção são para trazer proteção, mas trazem as dúvidas de quem está nesta prisão.”

A letra expressa também a impossibilidade de diálogo numa cidade partida entre morro e asfalto, como acontece em *Cidade partida*. Em “A minha alma”, o verso “Paz sem voz/Não é paz, é medo”, pode ser encarado como o grito que dá voz aos moradores da favela; à paz silenciada pela falta de voz; ao grito abafado que não é ouvido; à realidade que ninguém quer ver, que denuncia a realidade dos moradores das favelas cariocas obrigados a conviver com o tráfico de drogas, com guerras entre facções rivais e com a polícia.

O mesmo pode-se dizer da música “Lado b, lado a”, que também denuncia a situação de trabalhadores que vivem sob a tutela do medo e da violência, em meio ao fogo cruzado entre bandidos e policiais, reféns do silêncio e do descaso do poder público “Se eles matam o bicho/ Eu tomo banho de mar/ Com o corpo fechado/ Ninguém vai me pegar/ Lado b, lado a ...” Eu sou guerreiro/Sou trabalhador/E todo dia vou encarar/Com fé em Deus/E na minha batalha/Espero estar bem longe/Quando o rodo passar!/Espero estar bem longe/Quando tudo isso passar...”

“Eu quero estar bem longe quando o rodo passar, quando tudo isto, tudo isto passar”, pode ser entendido como um pedido de proteção divina contra a guerra do tráfico, realidade do cotidiano das comunidades carentes, ou como um desabafo de um trabalhador que deseja estar longe quando o embate começar. “O rodo”, na gíria dos morros e favelas cariocas, geralmente “passa” quando uma facção rival quer tomar as bocas de fumo de outra facção, sempre acompanhada de muitos tiros e assassinatos; quando muitas vezes morrem pessoas inocentes que nada têm nada a ver com o tráfico.

O Rappa, em parceria com o grupo AfroReggae, de Vigário Geral, no Rio de Janeiro, atua no projeto “Na palma da mão” – campanha de incentivo aos jovens de todo o Brasil. A iniciativa da banda conta com o apoio de uma das mais conceituadas ONGs brasileiras, FASE (Federação de Órgãos para a Assistência

Social e Educacional) e seu Setor de Análise e Assessoria e Projetos (SAAP). No encarte do CD “Lado b, lado a” e nos folders distribuídos durante seus shows, a banda pede aos fãs que façam doações em dinheiro para a Campanha. Os fundos arrecadados são repassados a projetos ligados a jovens carentes, para programas educacionais como alfabetização e direitos individuais. A banda apoia ainda vários projetos sociais.

Em 2001, o baterista e compositor da banda, Marcelo Yuka, foi vítima da violência, durante um assalto na Tijuca. Seu carro foi perseguido por bandidos e ele foi baleado com seis tiros. Um dos projéteis perfurou seu pulmão e outro quase atingiu a medula. O músico, na época baterista e principal letrista do grupo, ficou paraplégico, paralisado da cintura para baixo. “Pura ironia do destino, justamente para alguém que sempre pregou a paz em suas músicas”, destacou o site da Rádio Jovem Pan SP².

Assim, a idéia da cidade partida representada no hip hop “Lado b, lado a” é retomada em *Maré, nossa história de amor*, em que os jovens se encontram no grupo de dança da comunidade, que pode ser visto como uma “luz no fim do túnel”, como uma possibilidade de resgate social, oferecendo uma oportunidade aos que não querem fazer parte do universo do tráfico de drogas.

Este é o papel da professora de dança, Fernanda, que vê muito potencial nos jovens da Maré, e luta para que eles consigam viver da dança. Fernanda é a típica moradora da Zona Sul da cidade que quer trabalhar na favela; cansada de dar aula para “filhinhos de papai” que nada querem com a vida. Isso fica muito claro na cena em que a professora conversa com uma professora de balé da mesma companhia. A colega acha a idéia uma perda de tempo e muito perigosa, pois a comunidade é dividida por facções rivais. Mesmo assim, Fernanda continua lutando sozinha, sem que sua companhia dê muita importância ao seu projeto.

O filme mostra o preconceito contra a favela, a idéia de que tudo que nasce ou vive lá é ruim; uma visão maniqueísta por parte de quem mora no asfalto. Aponta também a necessidade de que os jovens precisam ser “resgatados”, conhecer outra realidade; mas para isso é preciso que alguém interceda por eles, dêem-lhes oportunidade, como acontece com um dos

² <http://www.jovempanfm.com.br/revista/outubro2004/yuka.php>. Acesso em 22/12/2008.

personagens de *Maré, nossa história de amor*, quando deixa o “movimento” para fazer parte do grupo de dança contemporânea.

Um outro ponto muito importante é a intertextualidade com a tragédia *Romeu e Julieta*, principalmente no final. Referência gritante à peça de Shakespeare, pobremente adaptada no filme, como destacou Paulo Schettino³ em sua crítica. A impossibilidade do amor dos dois jovens, Jonatha e Analídia, ocorre por serem parentes dos chefes das duas facções criminosas rivais, contrariando a lógica. Mas o amor proibido será vivido pelos dois jovens apesar da divisão das facções criminais. No grupo de dança, eles vivem a paixão proibida, com a bênção de Fernanda, a professora de dança, que protege o casal e planeja a morte de Jonatha, como fez Frei Lourenço, em *Romeu e Julieta*, ao dar uma poção a Julieta para que ela adormeça e seja dada como morta. No filme, Fernanda forja a morte de Jonatha, que é enterrado vivo, como foi Julieta.

Assim como em Shakespeare, há um imprevisto na história. Em *Romeu e Julieta* o rapaz acaba não recebendo a carta enviada por Frei Lourenço, porque Frei João não consegue levá-la a seu destino porque os guardas de Mântua, cidade onde estava Romeu, pensam que Frei João estivera em casa de doentes com uma infecciosa pestilência. Como Romeu não é avisado do plano de Frei Lourenço, acaba acreditando que Julieta morreu. Então, ele decide tomar um veneno mortal feito por um boticário local e segue em direção ao túmulo da sua amada. Passado algum tempo, Julieta acorda e vê seu Romeu morto; ela decide então se matar também porque não conseguirá viver sem seu amor. Ela se mata com o punhal de Romeu. A tragédia tem um grande impacto nas famílias Capuleto e Montecchio, que decidem parar de brigar e acabam fazendo as pazes.

No filme, Jonatha se finge de morto no seu velório e acaba sendo baleado por seu irmão Dudu, que atira no caixão onde o rapaz está deitado. Analídia não consegue ser avisada do plano de Fernanda para tirar o rapaz da favela. Ao saber da morte de Jonatha, a jovem fica desesperada, sai correndo pelas vielas, atravessa para o lado em que não pode transitar por causa da rivalidade entre as duas facções e acaba baleada num tiroteio. Tanto no filme como na peça de Shakespeare a tragédia impõe a morte dos dois jovens.

³Palavra & Imagem. *Maré, nossa história de amor*. <http://palavraimagem.wordpress.com>. Acesso em 23/12/2008.

O filme é uma “adaptação pobre de *Romeu e Julieta*, e sua conclusão, as mortes obrigatórias da tragédia impõem o assassinato de Jonatha e Analídia. E esta última se debate longamente em câmera lenta, enquanto papéis chovem sobre ela”. Final alienado, que se apropria sem o mínimo compromisso ético de uma situação extremamente complexa, de acordo com Paulo Schettino⁴.

Em contrapartida, a verdade amarga do final do filme pode ser vista como denúncia de uma realidade social brasileira. “O longa é um grito cantado de protesto para que sejam salvos os sentimentos e que as pessoas não vivam apenas repletas de medo e sem esperanças se sobreviverão do lado de fora”, afirma Diego Benevides⁵.

Em *Era uma vez.....*, a divisão da cidade partida aparece em Ipanema, bairro de classe média alta da cidade do Rio de Janeiro. A cidade está dividida entre morro e asfalto, entre a Vieira Souto, endereço onde mora, Nina, a protagonista da história, e o Morro do Cantagalo, onde mora Dé. Os espaços são demarcados; quem mora no asfalto não conhece a realidade de quem mora no morro, dois mundos que não se encontram, mas que compartilham do mesmo espaço geográfico, o bairro de Ipanema.

O encontro de Nina e Dé só é possível num espaço “neutro”, a praia, que tanto quem mora no morro quanto quem mora no asfalto pode compartilhar. Dé, enquanto trabalha vendendo cachorro-quente num quiosque em frente ao prédio de Nina, a observa em seu apartamento; apesar de ela nem saber de sua existência, como se ele fosse invisível.

O filme trabalha a questão social de quem mora na favela. Em uma das cenas, moradores do Morro do Cantagalo descem para trabalhar no asfalto: empregadas domésticas, motoristas de ônibus, vendedores ambulantes, enfim, são pessoas “invisíveis” que não são notadas no cotidiano da cidade. E um dos fios condutores da narrativa será mostrar que essas pessoas “invisíveis” fazem parte do contexto da cidade, mas que estão “no outro lado”, idéia reforçada pelo depoimento do ator Thiago Martins, ao falar de sua origem de favelado, nascido no Morro do Vidigal.

⁴ Palavra & Imagem. *Maré, nossa história de amor*. <http://palavraimagem.wordpress.com>. Acesso em 23/12/2008.

⁵ http://www.cinematicomrapadura.com.br/criticas/1132/mare,_nossa_historia_de_amor. Acesso em 23/12/2008.

O depoimento de Thiago foi colocado no filme depois da pré-estréia, quando alguns críticos acharam interessante colocar a voz de quem já viveu essa experiência. Thiago declara que teve a oportunidade de entrar para o grupo de teatro Nós do Morro e poder construir uma história diferente das que estamos acostumados a ouvir a respeito do lado de lá da cidade. O depoimento vem contrapor a realidade mostrada no filme, pois não há possibilidade de uma vida em comum entre Nina e Dé. A realidade social que os separa é mais forte do que o amor que eles sentem um pelo outro. Afinal, Nina é a princesa que mora num “castelo” na Viera Souto, e Dé, um plebeu do Morro do Cantagalo.

A cidade partida aparece já no início do filme, quando faz referência ao livro de Zuenir Ventura. Nina aparece numa cena na praia lendo o livro. E mais tarde, Dé vai comprá-lo para ler também. Paralelo ao romance vivido por Nina e Dé, temos histórias de violência comuns nas favelas do Rio de Janeiro e somos apresentados ao universo do tráfico de drogas. O irmão mais velho de Dé é morto por um traficante porque jogava futebol melhor do que ele. E junto com a morte de seu irmão, o sonho de ser jogador de futebol e a possibilidade de um futuro melhor longe da favela. O filme transita entre os que escolhem a vida do tráfico de drogas e os que fazem sua opção pelo trabalho fora do “movimento”, como em *Maré, nossa história de amor*, que aborda o tema sem reflexão.

Em *Era uma vez...*, a discussão sobre tráfico de drogas se dá na escolha ou na falta de escolha quando o jovem tem de entrar para a vida do crime, o que também é enfatizado pelo depoimento de Thiago Martins, que teve uma chance para dizer não ao tráfico. Realidade diferente na narrativa, pois seu irmão de criação na trama, Carlão, depois de ser injustamente expulso do Morro do Cantagalo pelo “chefe”, vira vendedor ambulante na praia e passa a dormir na rua. Mesmo sendo honesto e trabalhador, Carlão é preso por causa de um mal entendido. Ele foge da prisão e acaba invadindo o Morro do Cantagalo, com o apoio de outra facção criminosa, e toma o morro. Carlão passa para o lado do crime devido às dificuldades que enfrentou na vida. Como não tinha oportunidade, acaba entrando para a vida do crime. Realidade que também é explorada no livro *Cidade partida*, de Zuenir Ventura, no depoimento de Flávio Negão, traficante de Vigário Geral. O livro explora brilhantemente a história do traficante, ao introduzir o depoimento sobre sua vida, que, devido às dificuldades financeiras, luta para conseguir um lugar no outro lado da cidade, fora da favela

de Vigário Geral. Sua luta por uma vida melhor, a dificuldade para conseguir emprego, e sua entrada para o mundo do crime como única oportunidade viável de sobrevivência. A história de Flávio Negão é a realidade de muitos jovens moradores de favelas, como a história de Carlão em *Era uma vez...*

A história de meninos que “escolhem” a vida do tráfico é mostrada em inúmeros filmes que tratam sobre o tema da violência urbana, mas não apontam uma solução. Uma possível solução apontada no filme *Era uma vez...*, é a própria história de vida de Thiago Martins, introduzida no final da narrativa, mas que está em contraponto com o final do filme. Nina e Dé decidem ficar juntos, mesmo sem a aprovação de suas famílias, apesar da diferença social que os separa. Eles decidem ir embora da cidade, para começar uma vida juntos, longe da divisão morro e asfalto.

No dia anterior à partida do casal, eles vão a uma festa de despedida no Morro do Cantagalo, patrocinada pelo dono do morro, Carlão, irmão de Dé. Apesar de não aceitar ajuda financeira do irmão e de não participar do “movimento”, Dé concorda em ir à festa. No final da festa, ele se despede de Nina, que desce o morro sozinha, pois Carlão é o chefe do morro e o “Galão”, como é chamada a favela por Nina, está tranquilo. Nina acaba sendo sequestrada por Carlão, que precisa do dinheiro do resgate para saldar uma dívida com sua facção. Desesperado, Dé vai procurar por Nina.

O pai de Nina, que tem uma viagem marcada com a filha para o dia seguinte, fica desesperado com o desaparecimento da filha. Dé acaba encontrando a namorada e rompe relações com Carlão, quando descobre que ele a sequestrou. A notícia do sequestro de Nina é noticiada na televisão, e Dé acaba sendo procurado como seu sequestrador. Na sequência, os dois conseguem chegar ao quiosque onde Dé trabalha para pegar o dinheiro e fugirem juntos.

Sem saber que a notícia do sequestro de Nina está estampada nos jornais, e noticiada na televisão, Dé é abordado pelos policiais em frente ao prédio de Nina, quando tentam chegar ao quiosque. Os dois acabam forjando um sequestro. Dé diz aos policiais que vai deixar Nina ir embora, mas acaba baleado, sem nenhuma chance de defesa. Nina morre tentando salvar Dé.

O final remete à tragédia de Shakespeare, *Romeu e Julieta*, como em *Maré, nossa história de amor*, mas rompe com as histórias de conto de fada, como sugere o título do filme *Era uma vez....* No filme, *Romeu e Julieta* é

ressemantizado pela própria condição social dos protagonistas da história. A impossibilidade do amor entre os jovens não é mais por brigas entre suas famílias, e sim pela suas diferenças sociais. A cidade partida é o que separa Nina e Dé.

O final aponta para a tragédia de Shakespeare pelas mortes drásticas dos protagonistas e está estritamente ligado à impossibilidade de uma vida em comum entre os dois jovens de classes sociais tão diferentes. O filme trata da discriminação social a que estão fadados os moradores da favela, realidade mostrada no filme. E brilhantemente explorada se fizermos uma analogia com o depoimento de Thiago Martins, já destacado anteriormente.

O depoimento de Thiago neste caso corrobora a discriminação social sofrida pelo seu personagem Dé, morto sem motivo, pois ele era o namorado de Nina, e não seu sequestrador. O pai de Nina denuncia Dé para a polícia como sequestrador da moça porque Dé é pobre e favelado. A morte dos dois jovens é um grande equívoco, uma grande confusão, um mal entendido, que retrata a realidade social de uma cidade partida. A impossibilidade de um amor, de um diálogo, de uma vida compartilhada entre mundos tão diferentes, mundos segregados que não dialogam.

O depoimento do ator introduzido no final do filme chama a atenção para a segregação existente na cidade, já apontada no livro de Zuenir Ventura, quando mostra a realidade da favela de Vigário Geral pós-chacina, como uma realidade separada da cidade. Na narrativa não temos o outro lado da cidade porque as duas partes não dialogam. A favela de Vigário Geral em *Cidade partida* pode ser entendida como um fragmento de um todo que é segregado, a outra metade da cidade que não é integrante do cartão-postal da cidade dita maravilhosa. Assim como o Morro do Cantagalo, que “não faz parte de Ipanema”, a Ipanema da classe média alta.

A recorrência da outra cidade que não aparece em *Cidade partida* de Zuenir Ventura também está presente no filme *Cidade de Deus*, de Fernando Meirelles e Kátia Lund (2002). O filme é baseado no livro homônimo de Paulo Lins, publicado em 1997. O autor nasceu e foi criado na favela Cidade de Deus. O livro pode ser entendido como o relato de um favelado que vai à universidade, e decide recontar a história de sua comunidade.

Cidade de Deus conta duas trajetórias diferentes: a história de Zé Pequeno, menino pobre nascido e criado na favela Cidade de Deus, que

comandar o tráfico de drogas na comunidade, e de Buscapé, o narrador da história, também nascido e criado na favela, que tem a chance de estudar fotografia, ao ganhar uma câmera fotográfica de um amigo.

A origem de uma das favelas mais violentas da cidade é contada através da história de Zé Pequeno e Buscapé e de dezenas de moradores que povoam o cotidiano conflituoso da comunidade. Como nos filmes *Maré, nossa história de amor* e *Era uma vez...*, a temática será explorada a partir do contexto da favela, com foco no tráfico de drogas. A violência nos filmes já citados e em *Cidade de Deus* acontece sem causas precedentes, e a discussão sobre o tema é pouco explorada, apenas tematizada como as histórias de amor que embalam todos os filmes.

Tanto em *Maré, nossa história de amor* como em *Era uma vez...*, o amor é tema recorrente, e não há final feliz para os jovens apaixonados. Em *Cidade de Deus*, o romance de Bené com Angélica também não tem final feliz. Bené quer sair da favela para viver num sítio distante com Angélica, mas é assassinado acidentalmente por Zé Pequeno, numa briga na festa de despedida do casal na comunidade. Mais uma vez, os filmes passam uma idéia de que não há possibilidade de uma nova vida fora da favela.

Outro tema recorrente nos filmes é a “opção” que os personagens têm de participar ou não do “movimento”, fazer parte ou não do tráfico de drogas. Esta opção de vida é mostrada tanto em *Maré, nossa história de amor* como em *Era uma vez...*, a história de Dé, que não entra para o “movimento”, apesar de todas as injustiças e dificuldades que a sua família sofre. Uma opção diferente de seu irmão adotivo, Carlão, que acaba chefiando o tráfico no Morro do Cantagalo. E em *Cidade de Deus*, temos duas histórias de personagens bem diferentes, Zé Pequeno, que vai chefiar a favela, e Buscapé, que vira fotógrafo. Duas opções diferentes numa mesma realidade.

A recorrência da violência já inscrita no livro de Paulo Lins e mostrada cinematograficamente no filme *Cidade de Deus* é a realidade que perpetuará as produções cinematográficas seguintes. Os outros filmes, que tratarão do tema da violência urbana recorrerão ao filme e à obra *Cidade partida*, de Zuenir Ventura, como referência e ponto de partida para a discussão da violência urbana tendo a favela como foco.

Tanto no filme como no livro, a favela Cidade de Deus é apresentada fora do contexto da cidade do Rio de Janeiro. No início da narrativa temos a segregação da favela, quando os moradores são obrigados a ir para a região de Jacarepaguá, na década de 1960, no auge da política de remoção de inúmeras favelas de diversos bairros cariocas.

Um conjunto habitacional, sem nenhuma infraestrutura, é construído para abrigá-los, onde são jogados sem condições mínimas de sobrevivência, como água encanada, luz, comércio, lazer etc. Assim nasce a Cidade de Deus, em total abandono pelo Estado, numa política de segregação e exclusão social. O que pode explicar a amplitude do universo da favela como uma totalidade, como se fosse independente. O filme não mostra a outra parte da cidade. Assim como na obra de Zuenir Ventura, que mostra apenas a comunidade de Vigário Geral. Em *Cidade de Deus*, a cidade é suprimida, partida na própria exclusão social de remoção de diversas favelas para outra área. Os moradores carentes são postos para fora, como se não pudessem mais fazer parte da área urbana.

Logo fica fácil compreender por que a parte nobre da cidade não aparece no filme. Ela é mostrada apenas quando os moradores vão fazer assaltos fora da comunidade, uma vez que é proibido assaltar os moradores da favela. A cidade de fora aparece como a continuidade da vida do crime sem punição. A favela torna-se um lugar distante da cidade, e seus moradores são vistos como violentos. Os moradores da área nobre têm medo dos favelados da Cidade de Deus.

O medo da população é flagrado na cena em que um ônibus para no ponto da favela, contra a vontade do motorista, que hesita em parar com medo da violência. Mesmo assim ele para, e, apesar de o trocador ser morador da comunidade, o ônibus é assaltado, e os passageiros vivem momentos de medo e terror. Devido a este assalto, o trocador é demitido por ser morador na favela, pois a empresa de ônibus acredita que ele é conivente com o assalto. Desempregado, acaba entrando para a vida do crime.

Neste episódio, pode-se ver a segregação a que foram relegados os moradores da Cidade de Deus, não simplesmente pela remoção da favela, mas pela discriminação que sofrem seus moradores. Na época do lançamento do filme *Cidade de Deus*, que deu maior visibilidade ao livro homônimo de Paulo Lins, os moradores da favela sofreram preconceito. Num debate na PUC-RIO, o autor foi questionado se sua obra era preconceituosa, e se estigmatizava a favela, já que os

moradores da Cidade de Deus encontravam dificuldades para conseguir emprego depois da repercussão do livro e, sobretudo, depois do lançamento do filme. O autor não gostou da pergunta e simplesmente disse que isso não existia.

Diferentemente do documentário *Ônibus 174*, 2002, de José Padilha, que relata o sequestro do ônibus 174, *Última parada 174*, conta a história do sequestrador, Sandro Nascimento, menino pobre, nascido numa favela carioca. Diferentemente de *Maré, nossa história de amor*, *Era uma vez ...* e *Cidade de Deus*, a favela não é nomeada. O filme não trata de uma favela específica, e sim da realidade de um favelado.

Em *Última parada 174* temos a cidade fragmentada, em seus espaços estilizados, não mais partidos como aponta o livro de Zuenir Ventura. Aqui, a cidade aparece como um todo fragmentado. Não temos mais a divisão entre Zona Norte e Zona Sul como em *Cidade partida*, nem facções rivais, como em *Maré, nossa história de amor*, pois a favela aqui não é o foco principal. Também não há marco entre morro e asfalto, como aparece em *Era uma vez...*. Em *Última parada 174*, a fragmentação dos espaços da cidade está justamente na presença dos meninos em pleno Centro do Rio de Janeiro.

O filme pode ser visto como algo que não conseguimos ver, uma realidade que deveria ficar apenas na favela. Como Dudu, personagem de *Maré, nossa história de amor*, Carlão, de *Era uma vez...* e a crueldade de Zé Pequeno em *Cidade de Deus*, que não podem deixar a realidade da favela. Em *Última parada 174*, temos a expansão da violência para além da favela. É a história de um menino que saiu da favela e ganhou as ruas da cidade. O drama de Sandro do Nascimento tem seu ápice quando ele “resolve” assaltar o ônibus 174.

A história de Sandro, o sequestrador do ônibus 174, é a história de um típico menino vítima da violência urbana. Quando a mãe dele é morta por balas perdidas devido a um tiroteio na favela onde eles moram, Sandro é mandado para a casa da tia, mas foge para as ruas por ser maltratado pelo marido de sua tia e passar a viver na marquise da Candelária, seu novo lar. Com doses de violência brutal, o filme é chocante, mostra a realidade de crianças que moram na rua.

Sandro também é personagem de uma das maiores chacinas já ocorridas no Rio de Janeiro, a chacina da Candelária, episódio mal explorado no filme. A

luta de Ivone Bezerra de Mello, que no longa é interpretado por Ana Cotrin⁶, na pele da personagem Walquíria, também é pouco explorada, como aponta Ana Lúcia do Vale⁷. Podemos ver a história de Sandro como a história de um garoto de rua, que teve sua infância roubada após o assassinato da mãe. Ao ser jogado nas ruas sem que ninguém se preocupe com ele, passa a viver na Candelária, e, após a chacina, ele e outras crianças do seu grupo são recolhidos por Walquíria, que luta para montar uma ONG para cuidar deles.

Apesar de ter passado por vários centros de recuperação, Sandro foge e “opta” pelo mundo do crime. Este é um ponto que une todos os filmes, apesar de não discutirem a questão da violência. Os filmes apenas apresentam dois caminhos: a escolha pelo mundo do crime e a possibilidade de uma escolha fora dele, como aconteceu com Buscapé, que vira fotógrafo, enquanto Zé Pequeno torna-se chefe do tráfico de drogas na Cidade de Deus.

De forma trágica, mas verídica, a morte de Sandro no final do filme aponta para a impossibilidade de redenção do rapaz, vítima do destino e da violência urbana. Podemos ver a morte dele juntamente com as outras mortes dos filmes citados aqui. Assim como não há possibilidade de vida fora da favela, se pensarmos nos finais trágicos de *Maré, nossa história de amor* e *Era uma vez...* e em *Cidade de Deus*, cujos personagens morreram sem conseguir sair da favela, pode-se dizer, apesar de Sandro ter saído da comunidade, a favela é recorrente em sua vida. Portanto, ele também morre sem deixar a favela.

Quando ele sai da Casa de Detenção, ele vai para casa de sua “mãe”, que fica numa comunidade paupérrima. A vida de Sandro fora do ambiente favelado não é tão diferente da vida de outros personagens que optam pelo caminho do tráfico. No filme, não há contraponto entre quem faz a opção pelo mundo do crime ou não, há apenas a realidade de um menor de rua, que tem seu fim tráfico noticiado pela TV. A vida de Sandro no filme é contada na perspectiva de um favelado fora da favela, que mesmo assim faz a opção pelo mundo do crime. Destino certo dos meninos que fazem parte do universo da favela, de acordo com os filmes analisados. Sem final feliz nem redenção, assim será a morte de Sandro.

⁶ Barreto, Bruno. *Periferia está em guerra*. <https://terramagazine.terra.com.br>. Acesso em 05/01/2009.

⁷ http://odia.terra.com.br/cultura/htm/confira_a_critica_do_filme_ultima_parada_174__208350.asp Acesso em 05/01/2009.

Em contrapartida, a falta de perspectiva para a vida de Sandro não é mostrada no filme, o que acaba criando a figura estigmatizada do bandido vítima de seu destino. Sandro pode ser visto como vítima da violência urbana e produto da mesma violência. A violência percorre toda a sua vida, tendo início no assassinato de sua mãe, na violência sofrida na casa da tia, e por fim no episódio da Chacina da Candelária. Sandro seria produto da violência, tema mal explorado no filme, como já destacamos. O episódio do assalto do ônibus 174 pode ser visto como a explosão da violência do próprio Sandro.

Tudo aconteceu de um terrível engano, pois Sandro não tinha premeditado o crime. Ele estava apenas viajando no ônibus. Confundido com um possível assaltante, assume o papel desse, que no filme pode ser entendido como o olhar do outro, da sociedade para ele. Sandro acaba tendo sua identidade revelada para todo o país, num dos episódios mais marcantes da violência urbana na cidade do Rio de Janeiro. Como uma vedete que quer seus minutos de fama e glória, o rapaz passa de assaltante a sequestrador do ônibus 174. Age sem experiência e acaba vencido pela sociedade que o conduziu até ali. Neste episódio, o filme pode ser visto como o olhar de Sandro para uma sociedade que sempre o rejeitou. Ao sequestrar o ônibus, extravasa sua raiva contra o mundo que sempre o ignorou; sempre invisível para os outros. A visibilidade do sequestro dá a Sandro a possibilidade de uma existência.

Última parada 174 pode ser encarado como uma denúncia social. A violência invisível, não noticiada, mas já faz parte da realidade da cidade. A zona de conflito está na própria vida do personagem Sandro que devolveu em excesso sua revolta com doses de brutalidade para a sociedade como um desabafo. Como relato de um favelado, menino de rua, a história de Sandro se cruza com as histórias dos que escolhem o outro caminho, o caminho do crime. Como nos filmes *Maré, nossa história de amor*, *Era uma vez...* e *Cidade de Deus* há sempre duas escolhas: o crime ou a redenção, a possibilidade de uma vida fora do crime.

Em *Última parada 174*, a inovação do diretor Bruno Barreto em tratar do tema da violência é evidente, embora sufocador. O grito de violência de Sandro é ouvido por todo o país, na ocasião do episódio do sequestro do ônibus 174. Mas a radicalidade do filme está justamente em mostrar a história de um favelado fora do contexto da favela, mas que mesmo assim perpetua o destino “traçado” para sua vida.

Desse ponto de vista, a história de Sandro se encontra com os desfechos das histórias de *Maré*, *nossa história de amor*, *Era uma vez...* e *Cidade de Deus*. A morte de Sandro, na vida real, é silenciada pelas outras mortes na ficção dos filmes já citados. A recorrência da morte como silêncio de uma realidade social funciona em todos os filmes, como denúncia da própria realidade. Neste sentido, ficção e realidade se encontram no desfecho dos filmes analisados. A violência deixa de ser ficção e passa a ser protagonista, tema recorrente nas narrativas cinematográficas que tem a favela como foco principal.